

# Oposição corre contra o tempo para acertar candidatura

Em busca de um nome de centro-esquerda capaz de unir seus partidos ou da consolidação de uma candidatura própria, as oposições começam 1998 em contagem regressiva. Até março, quando será realizado o Encontro Nacional do PT, as esquerdas medem forças e ensaiam campanhas eleitorais, tentando encontrar uma opção para enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso.

O PT e o PPS dão a largada na segunda quinzena de janeiro: o PPS instala o comitê central do ex-ministro Ciro Gomes, enquanto o PT aposta no sucesso de atos e reuniões plenárias com o candidato Luiz Inácio Lula da Silva. O lançamento da candidatura de Lula atende a dois objetivos: mobilizar os militantes, apáticos depois de duas derrotas nas eleições presidenciais, e pressionar os demais partidos de oposição para que tomem uma decisão rápida.

Ao discursar como candidato em Brasília, Lula escolheu um tom moderado e conclamou o partido a arregaçar as mangas e trabalhar 24 horas por dia em busca da vitória. As palavras de Lula e a exposição pública da candidatura levam os petistas a acreditar que os demais partidos de oposição se convencerão de que ele é ainda a melhor opção.

"Não há outro nome com a mesma capacidade de aglutinar e com o mesmo patrimônio eleitoral", defende o presidente do partido, José Dirceu. Mas não é exatamente assim que pensam os demais partidos de oposição. Mesmo o PDT, cujo presidente, Leonel Brizola, se ofereceu para integrar a chapa como vice de Lula, age com muita cautela. Ora assegura que a aliança é certa, ora recua ameaçando com um candidato do partido.

## ALIANÇAS

O PDT está observando as alianças regionais. Se no Rio Grande do Sul e no estado do Rio a união com o PT se consolidar, crescem as chances de Brizola concordar em ser o vice de Lula. Caso isso não aconteça e os outros partidos de esquerda partam para opções diferentes, será difícil Brizola aceitar entrar na disputa com Lula. Por isso, a decisão sobre como e com quem as esquerdas disputarão a eleição presidencial está, cada vez mais, nas mãos do PSB e, em menor proporção, no PCdoB.

O partido do governador de Pernambuco, Miguel Arraes, reage à aliança com Lula. Embaldado nas vitórias conquistadas nas eleições municipais do ano passado, o PSB não quer, como os integrantes do partido costumam dizer, aderir. Além disso, o partido desconfia da viabilidade da candidatura de Lula. Seus integrantes têm dito que apresentar Lula pela terceira vez como opção para o Planalto é no mínimo um sinal de que não houve renovação de lideranças na esquerda.

O PSB sonha com uma candidatura de centro-esquerda. Um papel que poderia, segundo o líder na Câmara, Alexandre Cardoso (RJ), ser do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Sepúlveda Pertence. "O ministro não é um político, está ligado às causas da esquerda e pode unir todos os partidos", disse.

Também em janeiro, no dia 21, o PSB tenta tomar uma decisão. Se não conseguir emplacar algum nome, integrantes como o secretário-geral, deputado Almino Affonso (SP), defendem a aliança com Lula. Além de buscar um consenso, as esquerdas tentarão atrair dissidentes de partidos como PSDB e PMDB, que integram a base governista.

No PMDB, embora seu presidente, deputado Paes de Andrade (CE), insista na tese de candidatura própria, a Executiva já decidiu e trabalha pelo apoio a Fernando Henrique.